



**Site do autor: [livrosqueardem.com](http://livrosqueardem.com)**

### **Prólogo**

#### **Da Minha Indisponibilidade**

Não nasci para o trabalho — confesso-o tardiamente, como quem faz um testamento espiritual depois de já ter perdido a herança. Trabalhei, é verdade, e muito; mas sempre com a suspeita íntima de que estava traindo minha vocação natural: a contemplação. E contemplar, leitor, é um verbo que já nasceu cansado.

Dizem que os tempos mudaram. Ora, os tempos não mudam — apenas trocam de sofá. O do meu tempo era de veludo gasto; o de hoje, reclinável e digital. Contudo, a humanidade permanece fiel ao seu princípio mais antigo: o de querer descansar antes mesmo de se cansar.

Permitam que me apresente Arnaldo Tembe ex docente Ciências Sociais - Ciências Políticas. Reformei-me aos sessenta e alguns anos, com um modesto patrimônio que me permite não fazer nada com dignidade. Desde então, converti-me num estudioso da juventude moderna, essa raça tão curiosa que faz da ociosidade uma carreira e da dúvida uma convicção. Chamo-lhes — com o respeito que devo à zoologia social — os disponíveis.

Disponíveis para quê? Para tudo, menos para algo definido. Vivem em perpétuo estado de prontidão inativa. São como os anjos barrocos: pairam.

Um sobrinho meu, Sandro — rapaz inteligente e incansavelmente desocupado — explicou-me certa vez que o segredo da vida é “não se prender a nada”. Desde então, não se prende nem ao emprego, nem à namorada, nem ao despertador.

Eis aí a nova filosofia — e que filosofia! — mais líquida que o copo de sumo verde que eles bebem de manhã. Eu, que li Kant, Pascal e até o manual de etiquetas de Dona Maricota, jamais encontrei tamanha coerência no absurdo.

Quando o jovem de hoje declara “estou disponível”, não significa que se ofereça; significa que se suspende. Vive em modo de espera, como um aplicativo sem atualização. E o mais curioso é que se orgulha disso.

No meu tempo, a inutilidade era um defeito; hoje, é um charme.

Talvez o leitor me acuse de conservador. Engana-se. Sou apenas um reformado com tempo demais e fé de menos. Já não creio na civilização — essa senhora que prometeu tanto e entregou tão pouco. Creio, porém, na ironia, que é o último refúgio dos lúcidos e dos preguiçosos.

Escrevo, portanto, não para censurar a juventude, mas para compreendê-la — o que é mais difícil. A moral que lhes rege é nova, seus vícios são digitais, suas virtudes, temporárias. Não julgo: registro. E, se o leitor achar minhas observações amargas, recorde que o açúcar é mercadoria rara no espírito humano.

Encerro este prólogo com um brinde aos disponíveis: que sua falta de propósito os guie com segurança para lugar nenhum — onde, aliás, muitos de nós chegamos antes deles.

## **Capítulo I – Da Filosofia do Sofá**

Dizem que o mundo gira; eu, porém, afirmo que ele se recosta.

Explico-me. Desde que os jovens descobriram o sofá — esse trono democrático do século XXI — o movimento do planeta tornou-se, no máximo, um bocejo cósmico. Tudo se decide, se pensa e se esquece sobre almofadas.

Tenho diante de mim o exemplo mais ilustre: meu sobrinho Sandro. Vinte e sete anos de idade, formado em inquietude geral, pós-graduado em nada de específico. Sua atividade principal é permanecer horizontal, mas sempre com o ar de quem está em profundo diálogo com o universo.

— Tio, estou meditando — disse-me ele, certa manhã, sem tirar os olhos da tela.

Olhei por cima dos óculos e vi que “meditar” significava deslizar o polegar no celular, num movimento que os fisiologistas talvez um dia considerem um novo tipo de oração.

Sandro é um filósofo do sofá. Não lê livros — “são longos demais” — mas conhece o conteúdo de todos através de pequenos vídeos de noventa segundos. O rapaz acredita que a sabedoria, como o café instantâneo, perdeu a necessidade de ferver.

**Digressão:** o leitor me perdoará se eu confessar que, nos meus tempos de juventude, lia-se para adiar a vida; hoje, assiste-se a vídeos para evitá-la.

Volto a Sandro. Um dia perguntei-lhe:

— Meu rapaz, não pensa em trabalhar?

Ele respondeu, com uma serenidade de anjo desempregado:

— Trabalho, tio. Trabalho em mim.

E disse-o com tamanha convicção que, por instantes, senti-me um explorador da Revolução Industrial. Trabalhar em si! Oh, que bela forma de não fazer nada com prestígio moral!

Ele explicou: “Estou na fase do autodescobrimento. Preciso me encontrar.”

Sorri com piedade. Nunca me perdi, e talvez por isso jamais me encontrei. Mas o que mais me espanta é a fé dos jovens em achar-se, quando o mundo inteiro anda justamente perdido.

Em outro tempo, o sofá era símbolo de repouso após o labor; hoje é sede do espírito, palco do drama interior. Os jovens, reclinados, filosofam com a mesma elegância de quem zapeia canais — a diferença é que zapeiam a existência.

Ontem mesmo, Sandro publicou nas redes uma frase que, segundo ele, resume o sentido da vida:

“Ser é não fazer.”

Assinou-a com o pseudônimo “@sandrozen\_”. Recebeu duzentos e trinta corações virtuais — mais aprovação do que Santo Agostinho conseguiu em séculos.

Eis o triunfo da nova filosofia: quanto menos se age, mais se é.

Em meu tempo, chamava-se isso preguiça; hoje, chama-se autenticidade.

Mas não me queixo. Afinal, talvez o sofá seja o verdadeiro espelho da humanidade: acolhe o corpo, acomoda a consciência e disfarça a inércia.

Se o leitor duvida, experimente levantar-se.

Verá que o mundo se move — mas o sofá o chama de volta.

## **Capítulo II – O Emprego do Nada**

Sempre ouvi dizer que o trabalho dignifica o homem.

Pois bem: eis o primeiro equívoco da humanidade.

Conheço inúmeros homens dignos que jamais trabalharam, e outros, laboriosos até a exaustão, que não merecem sequer o substantivo.

No meu tempo, o emprego era uma relação melancólica entre o relógio e o estômago. Hoje, é um estado de espírito. A geração moderna reinventou o milagre da multiplicação do ócio — conseguem viver de não fazer, e ainda ensinar o método!

O jovem Sandro, meu sobrinho experimental, dedica-se agora a ser “criador de conteúdo”.

Perguntei-lhe que conteúdo, e ele, com a gravidade de um profeta digital, respondeu:

— De mim mesmo, tio.

**Digressão:** nunca imaginei que a própria ausência de substância pudesse virar produto. No século XIX, vendíamos ideias; no XXI, vendem-se versões.

O emprego do nada tem várias ramificações. Há o coach motivacional, que ensina os desanimados a desanimar com propósito; o influencer de estilo de vida, que vive mostrando o que come (ou finge comer) para provar que é humano; e o empreendedor espiritual, que, em vez de pão, multiplica promessas.

Todos, porém, obedecem à mesma regra: produzir sem produzir.

É uma arte tão refinada que talvez os gregos a tivessem apreciado — não fosse o fato de eles, ao menos, construírem templos.

Volto a Sandro. Outro dia, encontrei-o em plena terça-feira, às onze da manhã, de roupão e café gelado na mão.

— Trabalhando, meu caro? — perguntei, com um fio de esperança no futuro da pátria.

— Sempre, tio. Estou gerando engajamento.

Olhei em volta, e o único ser engajado era o gato, que o observava com superioridade ancestral.

— Engajamento com o quê?

— Comigo mesmo. Postei uma reflexão: “Às vezes, não fazer nada é fazer tudo.”

Recebeu duzentos e quarenta curtidas. Uma delas foi minha, por caridade.

O leitor perceberá que vivemos uma revolução: a da ociosidade produtiva. Trabalhar já não é preciso; parecer ocupado é a nova virtude. A economia moderna, feita de likes e visualizações, consagrou o vazio como mercadoria.

E antes que me chamem de reacionário, confesso: admiro-os. Conseguiram realizar o sonho de todos os séculos — viver do nada, e ainda serem pagos em aplausos. Se Epicuro vivesse hoje, teria canal no YouTube.

Mas o problema, caro leitor, é que o nada, embora rendoso, é fatigante. Depois de três horas criando conteúdo, Sandro suspirou:

— Estou exausto, tio.

— De quê?

— De ser eu mesmo.

Ah, eis a tragédia da modernidade! O esforço de sustentar a própria aparência de existência. No fim, o emprego do nada é o mais trabalhoso dos ofícios: requer vaidade constante, ausência de dúvida e boa luz natural.

Fecho este capítulo com um pensamento sincero (ou quase): se o trabalho dignifica o homem, a indolência agora o canoniza.

### Capítulo III – As Duas Faces da Disponibilidade

Houve um tempo — e não faz tanto — em que o desemprego era uma tragédia íntima, envergonhada.

O homem sem ofício baixava os olhos, evitava as praças e vestia o fato da dignidade rota.

Chamava-se “desempregado”, palavra que soava como um espírito de miséria.

Hoje, o desempregado chama-se disponível, e já não se esconde: exhibe-se.

O novo sem-ofício tem perfil público, foto de viagem (emprestada, se necessário) e uma frase inspiradora na biografia: “Vivendo um dia de cada vez”.

É a evolução semântica da indigência.

**Digressão:** a língua portuguesa é compassiva; inventa eufemismos para poupar-nos da realidade. Chamamos de “consultor” quem dá palpites, de “empreendedor” quem não quer patrão, e de “disponível” quem não tem nada agendado para os próximos cinco anos.

Meu sobrinho Sandro — sempre ele — explicou-me certa vez que o termo “desempregado” carrega energia negativa.

— É preciso mudar a vibração, tio — disse ele, com o ar de um monge em chinelos. — Sou um espírito livre, não um desempregado.

— Mas vives de quê, rapaz?

— De possibilidades.

E sorriu, satisfeito, como se tivesse descoberto o oxigênio.

Essa geração tem um talento admirável para converter a falta em virtude. O vazio existencial tornou-se minimalismo; a instabilidade financeira, liberdade; e a preguiça, autocuidado.

Transformaram o desamparo em estética — e o mundo, num espelho de selfie.

O leitor imaginará que exagero. Pois ouça este episódio.

Fui convidado por Sandro a assistir a uma “roda de decompressão criativa”, encontro de jovens disponíveis que se reúnem para discutir seus “propósitos”.

Cheguei pontualmente (defeito antigo), e encontrei-os esparramados em almofadas, cada um mais introspectivo que o outro, como se aguardassem uma epifania patrocinada.

O tema da noite era “A potência do não fazer”.

Um rapaz magro, de bigode filosófico, tomou a palavra:

— O sistema nos quer produtivos; nós, porém, escolhemos ser.

Aplausos, lágrimas contidas, e uma moça que filmava tudo para os seguidores.

Sai de lá com a certeza de que o desemprego, além de se reinventar, agora tem departamento de marketing.

Comparo, então, as duas faces dessa condição.

O desempregado antigo era trágico porque acreditava no trabalho; o disponível moderno é cômico porque acredita em si mesmo.

Ambos são personagens da mesma comédia humana, separados apenas pelo verniz da esperança.

No fundo, porém, há algo de sábio nessa nova indigência reluzente. O jovem que nada faz, ao menos, não finge servir a causas alheias.

Talvez sejam mais honestos do que pareçam — ou mais preguiçosos do que admitem, o que dá no mesmo.

Fecho o capítulo com uma conclusão moderadamente pessimista (a única espécie confiável):

A humanidade, depois de séculos tentando ser produtiva, enfim descobriu que o repouso é a sua verdadeira vocação.

Chamam-lhe “disponibilidade”. Eu chamo de regresso ao estado natural.

#### **Capítulo IV – A Revolta dos Sofás**

Sonhei — e talvez o sonho tenha sido notícia — que o mundo enfim se revoltara.

Não uma revolta de armas, mas de almofadas. Não de barricadas, mas de sofás.

O proletariado ergueu-se? Não. Deitou-se.

Tudo começou numa manhã de segunda-feira, dia propício à insubordinação moral. Os jovens, exaustos de promessas, resolveram não sair de casa.

— Hoje não — disseram, com heroísmo inédito.

E assim, sem manifestos nem bandeiras, a história parou por falta de movimento.

Chamaram o fenômeno de Greve Horizontal.

O lema: “Descansar é resistir.”

**Digressão:** há quem pense que o mundo acaba em explosões; eu, mais prudente, acredito que se extinguirá por pura inércia — um bocejo coletivo abafando o barulho das máquinas.

No sonho, vi Sandro à frente do movimento, não em pé, mas reclinado, celular em punho, transmitindo ao vivo o “protesto do sossego”.

Milhares de outros o seguiam — cada um do seu sofá, evidentemente — unidos pela indiferença solidária.

— Não queremos trabalho! — digitavam.

— Queremos tempo! — respondiam os outros, entre um gole de café frio e outro.

O governo tentou reagir, propondo programas de incentivo à produtividade, mas ninguém abriu o e-mail. As empresas faliram em silêncio; os chefes, abandonados, começaram também a deitar-se, primeiro por curiosidade, depois por cansaço.

E assim, pouco a pouco, a humanidade aderiu à revolta.

As praças ficaram vazias, os escritórios viraram museus, e até os padres passaram a confessar por mensagem de voz.

O único setor em crescimento foi o de colchões e travesseiros.

A ONU declarou estado de repouso global.

O Papa, sempre conciliador, publicou encíclica: “Beatus qui recumbit” — “Bem-aventurado o que se deita.”

Eu mesmo, cronista involuntário do milagre,

deitei-me também, e confesso que encontrei ali uma paz superior à de todos os concílios.

Quando acordei (se é que acordei), o mundo ainda estava quieto.

Os revolucionários dormiam com a serenidade dos vitoriosos. O planeta, enfim, conhecera a verdadeira igualdade: todos inertes, todos satisfeitos.

Voltei-me ao leitor imaginário e murmurei:

— A revolução triunfou, meu caro. E o nome dela é comodidade.

**Digressão final:** dizem que o homem foi feito para agir; discordo. Foi feito para se acomodar — e nisso, devo reconhecer, a nova geração é sublime.

## Capítulo V – O Amor em Modo Avião

Há quem diga que o amor é eterno enquanto dura.

A juventude moderna, mais precisa e menos poética, corrigiu o verso: “O amor é eterno enquanto a bateria aguenta.”

Não há exagero, leitor. Hoje, o sentimento nasce com senha e morre por falha de conexão.

Já não se ama com cartas, mas com emojis; já não se sofre em silêncio, mas em stories.

A antiga serenata transformou-se em playlist, e o olhar apaixonado cedeu lugar ao duplo clique.

Meu sobrinho Sandro, douto em afetos digitais, ensina-me a nova liturgia do coração.

— O amor, tio, é energia. — disse-me ele. — Se não flui, é porque o outro vibra em frequência diferente.

— Ou porque desligou o celular — murmurei.

Mas Sandro não me ouviu: meditava com fones de ouvido.

**Digressão:** suspeito que o amor moderno seja como o ar-condicionado — todo mundo diz que precisa, mas ninguém suporta o frio constante.

No meu tempo, um beijo podia custar meses de hesitação; hoje, um deslizar de dedo decide destinos.

As moças, que antes esperavam cartas com perfume e arrependimento, agora esperam mensagens com “visualizado às 23:04”.

É a era da paixão intermitente: amores de 24 horas com direito a lembrança automática do aplicativo.

Perguntei a Sandro se já amara de verdade.

— Claro, tio. Três vezes este ano.

— E as moças?

— Duas me bloquearam; a terceira pediu espaço.

— E o que fizeste?

— Dei-lhe o modo avião.

Confesso: senti inveja. No meu tempo, desligar alguém exigia lágrimas, viagens e dramas familiares; hoje basta um gesto no ecrã.

Há progresso até na dor.

Mas o amor, leitor, é teimoso — sobrevive a todas as inovações, mesmo que desidratado.

Ainda há jovens que se apaixonam com entusiasmo, embora falem disso como quem comenta o tempo: “Está difícil hoje em dia, né?”

O romantismo tornou-se passatempo de quem ainda acredita em conexão estável.

Outro dia, vi Sandro suspirando diante do telefone. Pensei que orava.

— Ela não respondeu, tio.

— Há quanto tempo?

— Três minutos.

A dor do amor moderno é cronometrada. E, curiosamente, mais intensa quanto menor o intervalo.

Talvez — digo talvez, com o direito à dúvida que a velhice concede — este novo amor não seja menor, apenas mais rápido.

O sentimento continua, mas trocou a eternidade pelo refresh.

Fecho o capítulo com esta constatação melancólica e bem-humorada:

O amor, outrora asa de anjo, agora é modo de voo.

E quem ama demais corre o risco de ficar sem sinal.

## **Capítulo VI – Da Ociosidade como Virtude**

Há séculos os moralistas condenam a ociosidade.

Chamam-na vício, preguiça, decadência — como se a imobilidade fosse crime e o repouso, pecado.

Ora, eu, que já pequei em quase tudo, reivindico o direito de não fazer nada como forma suprema de elevação espiritual.

O leitor talvez sorria, mas escute: todo trabalho nasce da inquietação, e toda inquietação da ignorância.

Quem se julga necessário é um tolo ativo; quem reconhece a própria inutilidade é um sábio em repouso.

**Digressão:** se Adão tivesse sido preguiçoso, o Éden ainda estaria aberto ao público.

A juventude moderna, tão vilipendiada pelos críticos, talvez tenha redescoberto essa verdade antiga. Eles não trabalham, é certo — mas, quem sabe, apenas porque compreenderam que o esforço raramente muda o destino, e quase sempre estraga a digestão.

Meu sobrinho Sandro, esse filósofo de chinelos, explicou-me recentemente que o ócio é sua forma de resistência.

— O sistema quer que a gente corra, tio. Eu me nego.

— Mas não fazes nada!

— Exato. Minha recusa é meu protesto.

Ah, que gênio paradoxal!

O rapaz conseguiu transformar a apatia em ato político.

Enquanto nós, velhos, lutávamos contra o tédio, ele o abraça como quem abraça uma causa nobre.

Decidi, pois, estudá-lo com seriedade. Durante uma semana, adotei o regime do ócio integral.

Não li jornais, não respondi cartas, e limitei-me a observar as nuvens, exercício que, confesso, requer disciplina.

No terceiro dia, senti-me à beira da iluminação; no quarto, da melancolia; no quinto, da sesta.

Descobri que o ócio é como o vinho: em doses pequenas, inspira; em excesso, embriaga.

Mas é embriaguez elegante — a do espírito que se contempla.

Os antigos tinham seus sábios que se isolavam nas montanhas.

Os modernos têm os seus, que se isolam no sofá.

O princípio é o mesmo, apenas mudou a altitude.

Resolvi, então, redigir um pequeno tratado:

“Da Ociosidade como Virtude: Manual para Inúteis de Bom Gosto.”

Pretendo dividi-lo em três capítulos:

1. Da importância de adiar o inevitável;
2. Do repouso como autoconhecimento;

### 3. Da preguiça como argumento moral.

Já escrevi o prefácio. O resto — como convém ao tema — ficará para depois.

**Digressão final:** há quem diga que o homem foi criado à imagem de Deus porque trabalha; eu prefiro acreditar que foi porque descansou ao sétimo dia.

E se o próprio Criador se deu folga, quem sou eu para contrariá-lo?

## Capítulo VII – O Último Conselho

Não há ironia mais fina do que aquela que o tempo prepara em silêncio.

Pois vejam: o velho Professor, outrora zombeteiro dos moços preguiçosos, converteu-se — sem o desejar — em profeta deles.

Minha “Filosofia da Disponibilidade”, redigida para divertimento e escárnio, circula agora pelas redes com a rapidez das epidemias morais.

Chamam-me “influencer do sossego”, “coach da preguiça produtiva” e até “oráculo do não fazer”.

Ah! Que triunfo para um fracasso!

Soube por meu sobrinho, essa criatura de luz e filtros, que minhas frases — mal copiadas, pior interpretadas — aparecem em vídeos motivacionais.

“Se até Deus descansou, quem é você pra trabalhar?”

— leem eles com voz pausada, sobre um fundo de praia e coqueiros.

Fui eu quem escreveu essa blasfêmia filosófica, mas em tom de pilhéria!

Agora é lema de uma geração inteira de folgados espirituais.

O mundo sempre levou a sério o que eu disse por brincadeira — e ignorou o que declarei com seriedade.

É a mais constante de minhas derrotas.

Outro dia, recebi convite para palestrar numa universidade.

Querem que eu discorra “sobre a ética do descanso e o poder transformador do ócio”.

Ri tanto que precisei de um calmante.

Mas confesso: a vaidade, essa erva daninha que nunca morre, começou a brotar.

Imaginei-me a falar diante de jovens atentos, repetindo minhas velhas máximas com o ar de quem inventou o silêncio.

Decidi aceitar o convite — por ironia e gula.

Na véspera, porém, esqueci o tema e adormeci no sofá.

No dia seguinte, acordei com a notícia de que minha ausência fora interpretada como gesto genial:

“Arnaldo Tembe recusou-se a comparecer — um protesto simbólico contra o ativismo estéril!”

Aplausos. Entrevistas. Livros vendidos.  
Tornei-me célebre pela indiferença.  
É o auge da glória moderna: ser admirado pelo que não se fez.

**Digressão:** talvez o Cristo, se vivesse hoje, fosse trending topic por não publicar nada durante quarenta dias.

Hoje, aos sessenta e muitos anos, sinto que nada entendo — e por isso entendo tudo.  
As gerações passam como modas; o espírito humano, esse velho espelho rachado, apenas muda de moldura.  
Antes, os jovens fingiam trabalhar; agora, fingem meditar.  
Antes se cansavam de subir; agora se cansam de não sair do lugar.  
E eu, cansado de rir, descobri o maior repouso: o da indiferença afetuosa.

Se algum moço me pedir conselho, deixarei este, o último:

“Não te apresses a achar um sentido.  
A pressa é o vício dos que ainda acreditam no destino.”

E, dito isto, reclino-me na poltrona, certo de que amanhã alguém fará um vídeo meu, em voz mansa e fundo etéreo, dizendo:  
“Ele nos ensinou que a preguiça também é caminho.”  
E talvez tenham razão.

Mas, se o riso é o último gesto de sabedoria, deixo o meu aqui, inteiro, como epitáfio:  
“Trabalhei tanto para nada — e nada me deu o melhor trabalho do mundo.”

### **Epílogo – Carta Póstuma do Professor Arnaldo Tembe**

Àqueles que ainda têm paciência para ler,

Se esta carta vos chega, é porque já deixei o ofício de respirar — último ato do ócio.  
Não morri de tristeza nem de doença, mas de cansaço metafísico: simplesmente enjoei do tempo.

Durante sessenta e muito anos, tentei compreender a vida; depois, percebi que o melhor modo de entendê-la era deixar de tentar.  
A curiosidade é a febre dos tolos; a serenidade, a saúde dos que já viram demais.

Deixei bens modestos, alguns livros riscados, e um gato que responde por desobediência civil.  
Mas, acima de tudo, deixo o consolo de ter sido inútil com decência.

Dizem que o homem vale pelo que produz. Discordo.  
O valor de um homem mede-se pelo que ele consegue não fazer sem culpa.

Há quem gaste a existência inteira fabricando ruído; eu preferi o silêncio polido, essa música que ninguém escuta, mas que embala todos os céticos.

Confesso, porém, um pecado: quis ser compreendido.

Era vaidade de cronista, desejo pueril de eternizar-se num parágrafo alheio.

E o mundo, com sua ironia habitual, atendeu-me às avessas — deu-me fama por equívoco.

Sou agora lembrado como patrono do repouso e mestre dos inativos.

Ora, senhores, eu só pretendia descansar um pouco!

**Digressão derradeira:** se há justiça no além, peço que me reservem um canto tranquilo, de preferência com boa sombra, café morno e um jornal de três dias atrás.

Não para lê-lo, mas para saber o que não perdi.

E se o Céu for realmente um lugar de almas laboriosas, rogo humildemente transferência para o purgatório — deve ser mais silencioso.

Despeço-me, pois, com o único conselho que me restava dar e que, em vida, ninguém quis ouvir:

“A vida é breve demais para ser levada a sério — e longa demais para ser vivida depressa.”

Assina, com modéstia e um bocejo,  
Professor Arnaldo Tembe,  
observador cansado da humanidade,  
defensor honorário da inércia elegante.

**FIM**